



Pedro & João  
editores

# ArtES VISUAIS na ESCOLA

## INVENTÁRIO de linguagens e materiais

SUSANA RANGEL  
VIEIRA da CUNHA  
e colaboradoras/es



**Susana Rangel Vieira da Cunha**

**Artes Visuais na Escola:  
inventário de  
linguagens  
e materiais**



Susana Rangel Vieira da Cunha

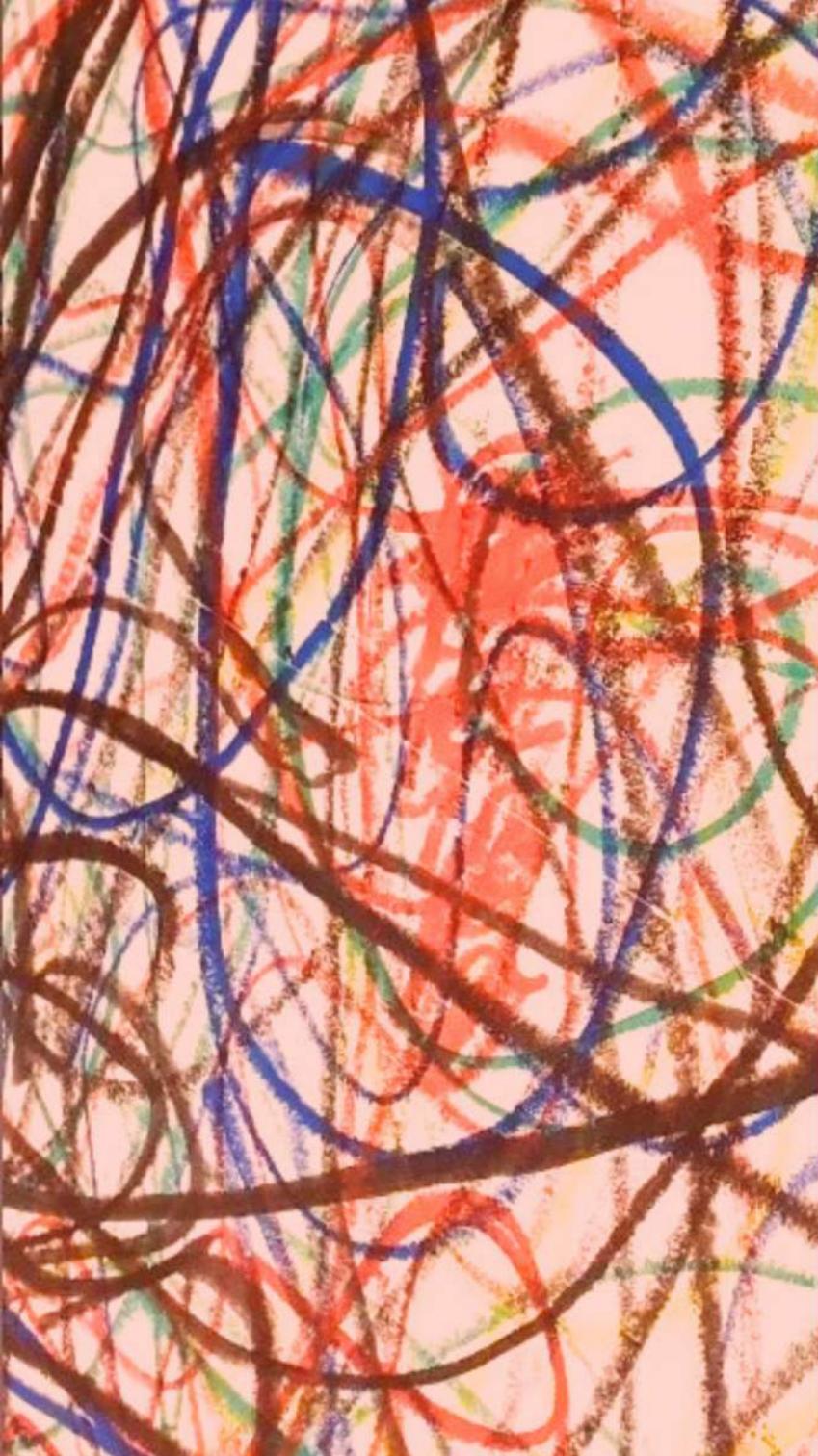
**ArtES** VISUAIS  
na ESCOLA

**INVENTÁRIO** de  
linguagens e materiais

1ª EDIÇÃO -2025



Pedro & João  
editores



# **P** **REFÁCIO**

## ***Prefaciar***

*A cada encontro escolhemos um lugar  
ao qual somos fiéis  
Prestamos atenção  
Ao examinar a fundo este lugar descobrimos algo  
que de imediato não pode ser visto  
A linguagem secreta do ambiente se aviva  
com os materiais por nós trazidos  
Descobrimos novas formas de utilizar os elementos da natureza  
Neste contexto a linguagem oculta dos materiais se desdobra  
num surpreendente encontro com o ambiente  
Desencadeando novos movimentos corporais,  
diferentes composições linguísticas e outras  
maravilhosas relações e formas de convívio  
Nesta sinergia entre o local e os materiais, crianças e adultos  
De repente, algo quase mágico acontece  
Pois tudo está em jogo.  
De repente terminamos  
Foi um momento artístico  
Que já acabou  
A essência é a história que foca  
... e esta história fica melhor a cada vez que é recontada!*

**Anna Marie Holm**

É com muito prazer, e imensa alegria, que recebi o convite de Susana Rangel Vieira da Cunha para escrever esse prefácio. Um início de conversa para um livro tão potente e inovador ao apresentar um inventário de ideias a serem propostas nas escolas a partir da compreensão de cada material, e são muitos, diferentes instrumentos de trabalho, linguagens que compõem uma gramática das artes, que é artística, arteira, e convida a todos os educadores a mergulharem na sua leitura, exploração e

investigação com ludicidade.

Cada verbete, uma palavra, uma explicação e inúmeras possibilidades para conhecer o seu sentido, compreender o seu potencial e fazer escolhas intencionais ao elaborar propostas significativas no cotidiano das instituições de acordo com o que o material pode, ou não, oferecer.

Glossário, dicionário, inventário, verbetes que compõem o livro que vocês têm em mãos oportuniza conexões entre a teoria e a prática pedagógica, essenciais à qualificação do trabalho do educador desde a primeiríssima infância até as séries iniciais do Ensino Fundamental, contemplando as múltiplas Infâncias.

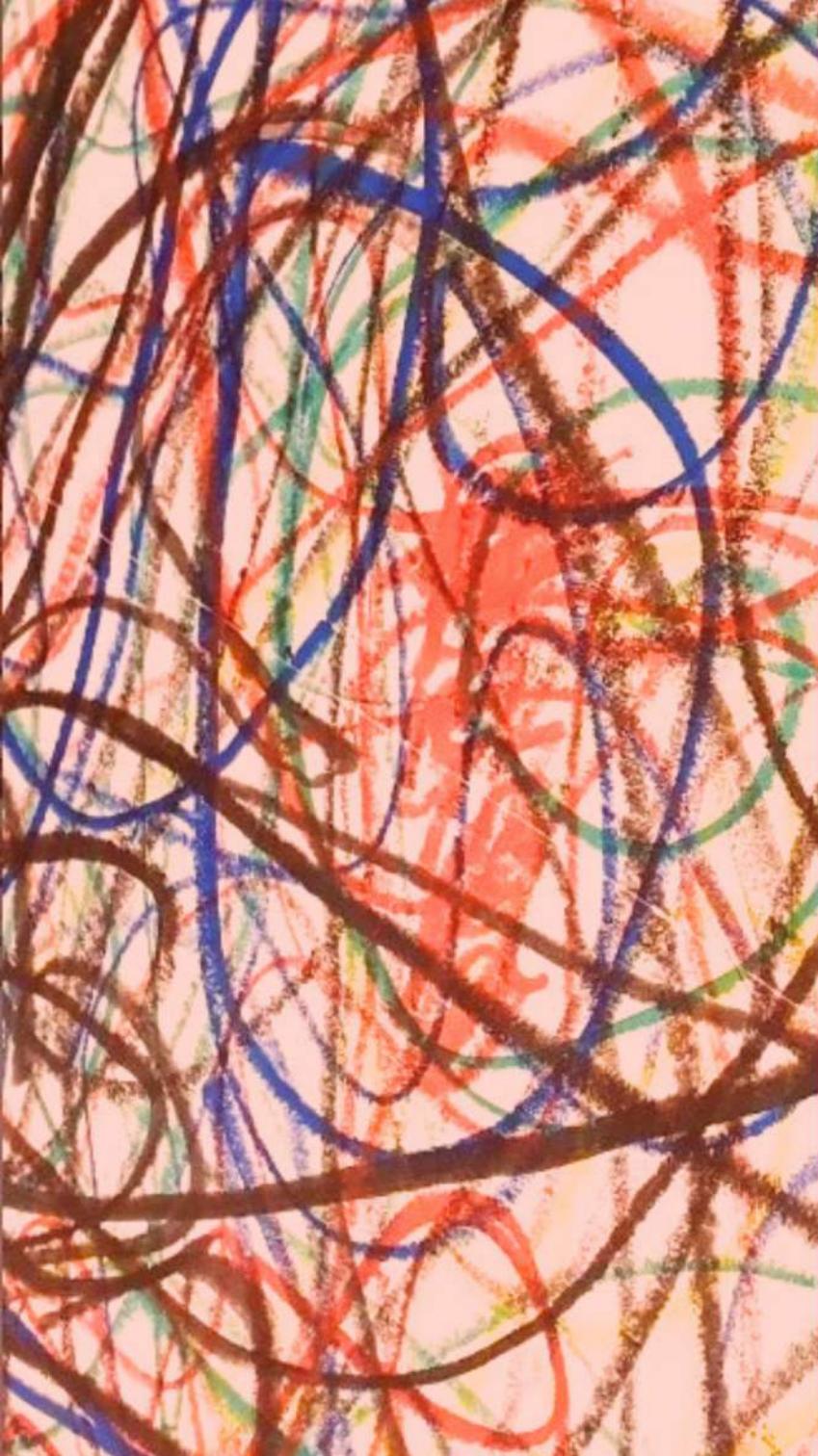
Conhecer artistas de referência, reconhecer, identificar, experimentar, explorar, investigar, brincar com o material, apropriar-se de boas situações para compor e recompor, intencionalmente, o planejamento cotidiano são ações essenciais do educador comprometido com as aprendizagens pessoais e do seu grupo. Com certeza, essa obra será um potente referencial, que auxiliará, e muito, a prática docente.

A Arte, como uma das linguagens de comunicação e expressão de crianças e adultos, em diálogo com o corpo, o brincar, a música, a literatura, a dança, o teatro, “a criança é feita de cem”, como dizia Loris Malaguzzi, oportuniza a criação de ambientes afetivos para todos poderem viver seus desejos e interesses, experiências imaginárias e criativas, ampliando descobertas na construção de sentidos e apropriação do mundo a seu redor.

São explicações e possibilidades que atribuem significados ao processo de conhecimento, tanto para crianças, quanto para os educadores em formação contínua no exercício da docência. Evocar suas memórias, tomar consciência das provocações que afetam cada um em particular, e serem desafiados a criar propostas a partir das convocações com que se deparam no dia a dia nas instituições a que pertencem. Com certeza, requer estudos, trocas entre os pares, registros reflexivos, documentações pedagógicas, ousadia para problematizar incômodos, não saberes, e muito encantamento para fazer-pensar-conviver com arte e desejo de fazer a diferença.

O convite está feito: usem e abusem dessa obra, completem com registros pessoais e muita criatividade, ampliando intencionalmente as práticas pedagógicas cotidianas. Como nas palavras de Anna Marie Holm, “essa história fica melhor a cada vez que é recontada”: vamos experimentar? É possível!

Maria Alice Proença



# A PRESENTAÇÃO

*“O que é um trabalho híbrido? O que é papel canson? Onde se compra carvão para desenhar? O desenho de observação deve ser igual ao modelo? Por que minhas crianças só desenhavam casinhas com chaminé, nuvens azuis e sol no canto da folha? O que é pigmento? Que outras tintas posso usar além do guache? Quais são cores primárias e secundárias? Posso fazer intervenção? Tenho uma criança de 5 anos que só faz riscalhada, é normal? Pincel é riscante? O que é riscante? Em que idade as crianças começam a usar a tesoura? O que faço quando as crianças dizem ‘não sei desenhar’? Em que papel posso usar o giz pastel seco? E o oleoso? Tinta faz sujeira, quase não uso, não tem problema, né? É válido a professora fazer uma dobradura e pedir para a criança colorir, ou pintar?”*

São inúmeras perguntas e dúvidas que professoras/es me trazem em cursos, disciplinas, palestras, visitas em escolas, grupos de *WhatsApp*, redes sociais, elevadores, hotéis, cafeterias e em outros tantos lugares em que as/os encontro. Muitas questões são levantadas sobre o trabalho pedagógico em Arte, materiais, nomenclatura, história da Arte, o que é adequado ou não para as crianças e até como podem explicar em reuniões de pais e mães, ou da comunidade, por que é desnecessário as crianças realizarem sempre um trabalho final em todas as propostas.

Tento responder, dentro do possível, a todas as perguntas, mas como são situações rápidas, de passagem, muitas vezes orais, ou em algumas linhas do *WhatsApp* ou de uma postagem, os questionamentos continuam e não tenho respostas na forma escrita, documentada, suficientemente argumentada, contextualizada para que as professoras possam usar para estudos, reflexões ou em determinadas situações.

Então, dos inúmeros encontros com professoras/es em minha caminhada como arte-educadora, pesquisadora e formadora de professoras de crianças, surgiu a ideia de um livro, um registro escrito, na forma semelhante de um dicionário, composto por verbetes relacionados às Artes Visuais nos contextos escolares infantis. É uma compilação parcial de palavras e expressões, como **desenho, atividades livres, tinta**, que permeiam o cotidiano escolar das escolas brasileiras, outras são até desconhecidas, como **esfuminho, apropriação, xerografia**. Contudo acredito que todos os verbetes possam ser importantes para repensar o que já é costumeiro, e que aqui aponta outros caminhos, além de despertar para outros conhecimentos e experiências ainda incomuns na Escola. Ou seja: os verbetes têm a finalidade de rever

o que está cotidianamente nesse ambiente e de ampliar o olhar ao desconhecido, ao nunca pensado.

Como os verbetes são concisos, um texto extremamente enxuto e direto, a maioria deles está acompanhado de imagens que ampliam a escrita, sugestões de artigos, livros, vídeos, entrevistas e relatos de outras professoras.

Para muito além de definições dicionarizadas, o livro **Artes Visuais na Escola: inventário de linguagens e materiais** pretende desencadear reflexões sobre como está sendo desenvolvida a Arte com crianças em creches, escolas infantis e no Ensino Fundamental I, bem como situar historicamente a Arte e os modos com que a Escola absorve e/ou desconhece as transformações dessa área de conhecimento. Os verbetes têm posições críticas em relação a alguns equívocos nos modos do trabalho pedagógico em Arte, mas aponta possibilidades e oferece sugestões atualizadas e possíveis para a docência em Arte com crianças.

Para elaboração do livro, convidei professoras/professores que tenho dialogado nos últimos anos sobre Arte, Infâncias, Escola e que aqui continuamos em sintonia na escrita: Ana Bárbara dos Santos (**ABS**), Ana Cristina Crosetti Vidal (**ACCV**), Camila Bettim Borges (**CBB**), Lutiere Dalla Valle (**LDV**), Mariana Prette (**MP**), Nathalia Scheuermann dos Santos (**NSS**), Ozilma (Ozi) Oliveira (**OO**), Rodrigo Saballa de Carvalho (**RSC**), Viviane Castro Camozzato (**VCC**). Para identificar o autor, após o verbete tem as iniciais das/os autoras/es. Para expandir a escrita foram convidadas professoras de crianças que têm registros fotográficos de suas propostas inovadoras, autorais, instigantes, investigativas em Arte, são elas: Amanda Barcelos, Ana Cristina Corsetti Vidal, Andressa Tatielle Campos, Elizama de Souza Sacramento Barbosa, Tatiana Suarez. Além das professoras, artista-professora Vanessa Freitag disponibilizou suas obras têxteis para o verbete **ARTE TÊXTIL**.

Acredito que o livro, assim como um dicionário, não se presta a uma leitura contínua, linear com introdução, desenvolvimento e conclusão. Assim como a escrita parecia um “esquema de pirâmide” onde um verbete recrutava outros e mais outros e eu não conseguia entregar o prometido: o livro pronto a mim mesma. Creio que a leitura também pode ser semelhante, pois ao ler um verbete, ele encaminhará para outros, por exemplo: aqui um fragmento de **ANIMAÇÃO (ACCV)**: “A animação pode ser realizada com diversas técnicas, como: **desenho, modelagem em argila** ou em outras massas, **pintura, colagem, fotografia, brinquedos, utensílios domésticos e softwares**. A animação é uma linguagem que nasce e se desenvolve no diálogo com diferentes linguagens, portanto uma linguagem **híbrida**”. Certamente você vai querer ir atrás dos outros verbetes mencionados, daí ao escolher **híbrida**, irá ao verbete **hibridismo** que por sua vez levará a outros verbetes: “**Performance, instalação, arte têxtil, efêmera, povera**, entre outras modalidades da Arte, em geral misturam várias linguagens...”

E assim sua jornada aqui será uma leitura não-linear com múltiplos caminhos marcados pelas palavras em negrito, permitindo que você avance na leitura conforme sua curiosidade e necessidade. Que seja uma ótima jornada!

Para encerrar, trago um dos comentários, após leitura crítica dos originais, do professor-pesquisador Valmir dos Santos Dorneles Júnior de uma escola infantil pública em Porto Alegre:

*Eu tive muita sensações ao ler os verbetes que eu não conhecia pois minha formação acadêmica não oportunizou e em contraponto a utilização errada nas redes sociais e mostras de trabalhos das crianças da Educação Infantil gerou muitas indagações sobre a formação que nós pedagogos precisamos ter. Considero a discussão muito IMPORTANTE, em especial pela possibilidade formativa que proporciona ao oferecer onde buscar as referências em links, autores, obras. Penso ser quase uma disciplina, mas de forma fluída, com pausas que a formação muitas vezes não nos permite.*

**Susana Rangel Vieira da Cunha**



ca

A

a

A

a

A

A

A

**01. ABSTRATO (SRVC):** é a denominação de produções visuais que se distanciam das formas do mundo reconhecível. O movimento da **Arte Abstrata** surgiu no início do século XX, e vários artistas e movimentos artísticos abordam de formas diversas o abstracionismo. Em relação às produções visuais das crianças, elas produzem desenhos, montagens, pinturas, manchas, amontoamentos, rasgos, que muitas vezes não têm relação com formas reconhecíveis, embora narrem que círculos e pontos de diferentes tamanhos e cores sejam uma girafa, ou carro, ou vento. Porém, elas não têm o propósito de realizar uma composição abstrata, como os artistas que desenvolvem suas obras a partir de um pensamento analítico de decomposição de formas, ideias, sensações, emoções objetivando diluir ou apagar os vestígios formais dos referentes, como fez Piet Mondrian com as paisagens. No expressionismo abstrato, Jackson Pollock, por exemplo, respingava tinta sobre a superfície das telas para aprofundar seus processos de criação. De forma diferente, as crianças operam com outro tipo de pensamento, primeiro os bebês, com suas experiências sensório-motoras, investigam e deixam suas marcas no mundo físico “pensando com o corpo”. Posteriormente surge o jogo simbólico quando atribuem diferentes significados a um mesmo objeto ou uma linha riscada, ou a uma mancha de água. Entende-se que as ações das crianças pequenas com riscantes, instrumentos, tintas, massas, objetos não partem de um pensamento analítico similar aos adultos de desconstruir referentes ou de uma investigação profunda e consciente de processos criativos. Por isso é equivocado denominar as produções infantis não representacionais de abstratas. Sugere-se que a denominação seja: formas não representativas ou formas não figurativas.



imagem 01



imagem 02



Para ampliar repertórios,

leia **Arte infantil: do Pré-Simbolismo ao Abstracionismo** de Rosa Iavelberg e Rafaela Gabani Trindade

<https://www.scielo.br/j/ars/a/44nSRMHqXnWczXCPqzp7sXJ/>

**02. ACETATO (SRVC):** é um material sólido de origem química semelhante ao plástico. É muito utilizado em embalagens e objetos decorativos por isso encontra-se em lojas de festas em variados tamanhos, cores sólidas e transparentes, em rolos e em folhas de diferentes tamanhos e espessuras. No contexto escolar, esse material é usado no formato de folhas transparentes e placas de pequena espessura, na maioria das vezes sendo usadas como **suporte**. Por ser um material liso e não poroso, os materiais tradicionais como **riscantes** e **tintas** terão pouca ou nenhuma aderência na sua superfície. Sugere-se como riscante as **canetas hidrográficas permanentes** como as mais adequadas para o desenhar. Outros tipos de riscantes como **giz pastel oleoso**, **batom**, poderão produzir **manchas efêmeras**. Se usarem tintas, elas irão se espalhar facilmente e depois de seca poderão se desprender, as **tintas** feitas com o **aglutinante** cola branca terão durabilidade sobre a superfície. Se a opção é explorar **materiais propositores**, o acetato pode ser usado inúmeras vezes para realização de **desenhos** com **fitas adesivas** coloridas, **etiquetas colantes**, também poderá ser furado para fazer bordados e além dos usos **bidimensionais**, pode ser utilizado em proposta de exploração do **tridimensional**.



imagem 03



imagem 04

**03. AGLUTINANTE (SRVC):** os aglutinantes são substâncias grudentas, como: gema de ovos, leite em pó (a caseína do leite é grudenta), água de aipim, arroz, caldo de escama de peixe, de ossos, seiva de plantas como a babosa, cera de abelha, óleo de linhaça, cola branca, goma arábica e grudes de farináceos. Na **confeção de tintas** é o grudente, aquilo que dá liga entre as partículas dos **pigmentos** garantido a aderência deles nas superfícies. O aglutinante dá as características das tintas,

como: textura, brilho, durabilidade, viscosidade. Assim um mesmo pigmento pode ser afetado em sua **tonalidade** diferente de quando misturado com o leite em pó

**04. ÁGUA (SRVC):** é um dos 5 elementos da natureza, em geral a água é utilizada na Escola para limpar, saciar a sede, regar plantas, cozinhar, entre outros usos utilitários. Nas proposições em Artes Visuais é um material efêmero ainda pouco explorado nos contextos escolares. No entanto a água, por sua natureza fluida, poderia ser aproveitada para desenhar com mangueiras e/ou usando diversos utensílios como regadores com diferentes bicos, sobre pisos, areia, e até sobre suportes tradicionais como papéis e tecidos. Também seria interessante explorar seus efeitos em construções tridimensionais com areia, terra, argila, farinhas. Além do estado líquido, a água também pode ser um campo investigativo no estado sólido, quando transformada em gelo.



Para ampliar repertórios, veja “Relógio de Gelo” de Olafur Eliasson



E o e-book: **Arte Contemporânea Água e Sustentabilidade**

<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/740/2022/03/ARTE-CONTEMPORA%CC%82NEA-AGUA-E-SUSTENTABILIDADE-com-ISBN.pdf>



imagem 05



imagem 06

**05. AMASSAR (SRVC):** é a ação de comprimir, pressionar ou deformar um material com as mãos ou instrumentos, transformando-o em uma forma irregular e mais compacta. Em geral, na Escola, a ação de amassar é para diminuir o volume dos papéis, garrafas pets, embalagens, entre outros materiais com destino ao lixo. Raramente o amassar é utilizado como um disparador para inventividade e/ou possibilidade exploratória e expressão das crianças. Alguns artistas como Mira Schendel, Emma McNally, Karla Black utilizaram papéis amassados em suas obras e os artistas, pesquisadores e arte-

educadores espanhóis Vicente Blanco e Salvador Cidrás propõem o uso de papéis amassados e rasgados em suas proposições com as crianças.



Para ampliar repertórios, veja:

**Droguinhas Mira Schendel**

<https://www.youtube.com/watch?v=CefVFj6VGW0>

**Terra Plana de Emma McNally**

<https://drawingroom.org.uk/exhibition/emma-mcnally-the-earth-is-knot-flat/>

**Karla Black**

<https://flash---art.com/2022/02/karla-black/>

E leia, artigo de Vicente Blanco e Salvador Cidrás:

<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17>



imagem 08



imagem 09

**06. ANIMAÇÃO (ACCV):** O verbo animar tem origem no latim (animare) e significa “dar a vida a algo”. É uma linguagem visual que cria a ilusão de movimento a partir de imagens ou objetos estáticos. Foi criada no final do século XIX por George Méliès. O processo envolve a captura sequencial de uma mesma imagem, em que cada uma apresenta pequenas alterações de posicionamento em relação à anterior. Quando essas imagens sequenciais são reproduzidas em sucessão rápida, cria-se a impressão de movimento. Muitas das técnicas de animação são baseadas em fenômenos óticos que também originaram o cinema. A animação pode ser realizada com diversas técnicas, como: desenho, modelagem em argila ou em outras massas, pintura, colagem, fotografia, brinquedos, utensílios

domésticos e softwares. A animação é uma linguagem que nasce e se desenvolve no diálogo com diferentes linguagens, portanto uma linguagem híbrida. Desenho, pintura, modelagem, fotografia, cinema, música, performance e tantas outras podem ser combinadas na produção das animações. Artistas visuais contemporâneos utilizam a animação, entre eles: Darren Pearson, William Kentridge, Catalina Vásquez, Lana Simanenkova, Lara Fuke. Os tipos mais conhecidos de animação são: stop motion e animação 3D, feitas digitalmente em programas gráficos, foram iniciadas nos anos 1970-80. As indústrias de cinema como Disney e Pixar utilizam estas animações. Animação 2D tradicional é composta de desenhos realizados à mão quadro a quadro de todas as cenas, cada uma delas realizada em separado, que ao serem colocadas em sequência criam a ilusão de movimento. Há várias outras formas de animação possíveis de fazer com crianças como o Flipbook, um pequeno livro com desenhos em cada folha. As folhas são viradas rapidamente e a série de imagens anima.



Para ampliar repertórios, veja:

**Flip book, ou folioscópio – IC para crianças | Luz, sombra e ação!**

<https://www.youtube.com/watch?v=Ki-88je4NGI>

**Fenacistoscópio – IC para crianças | Luz, sombra e ação!**

<https://www.youtube.com/watch?v=7mbq0tpOyOE>

**Taumatrópio – IC para crianças | Luz, sombra e ação!**

[https://www.youtube.com/watch?v=7iUOYKYMxZo&list=PLaV4cVMp\\_odyC1tVP9t3oNs-mySW2WWZUD&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=7iUOYKYMxZo&list=PLaV4cVMp_odyC1tVP9t3oNs-mySW2WWZUD&index=3)



E leia o artigo: **Brincar de fazer cinema com crianças: pensar em si e no mundo, fazer cinema brincando e o exercício do pensamento de Constantina Xavier Filha**



imagem 10



#### 45. CANETA ESFEROGRÁFICA (ACCV): é

formada por uma ponta, pequena esfera metálica, responsável por distribuir a tinta armazenada no tubo plástico interno. No mercado, há uma grande variedade de esferográficas, cujas diferenças principais estão na espessura da ponta e nas propriedades da tinta. A esferográfica é conhecida por sua durabilidade e resistência, sendo a mais robusta entre os tipos de **caneta**. Além do **papel**, ela permite riscar em diversas superfícies, como madeira e plástico. Atualmente, a caneta esferográfica está disponível em uma ampla gama de cores, além das básicas (azul, preta e vermelha). Com seu baixo custo e características variadas, é curioso notar que, nas escolas, seu uso ainda se limita majoritariamente à escrita, sendo pouco explorada em proposições artísticas. Na arte contemporânea, a esferográfica ganha destaque nas obras de artistas como Teresa Poester e Tomas Barth, que se apropriam dessa ferramenta simples e comum para criar produções em tamanhos, tonalidades, texturas e traçados variados. É interessante observar como esses artistas deslocam um material tão cotidiano e banal para o campo da arte, explorando suas possibilidades e recursos expressivos.

**46. CARGA (SRVC):** é a quantidade de **tinta** depositada no **pincel** ou em outros **instrumentos** antes de aplicá-la na superfície. A forma como a tinta é carregada e aplicada afeta o impacto visual nas superfícies pois modifica a **textura**, o movimento, a **tonalidade** das marcas feitas com os diferentes **marcadores**. Monet e Renoir usavam variações na carga de tinta para capturar a luz e as mudanças atmosféricas. Sugere-se que as professoras criem situações junto às crianças explorando a quantidade de tinta nos instrumentos, pois entendemos que há um vasto campo de descobertas.



imagem 30



imagem 31

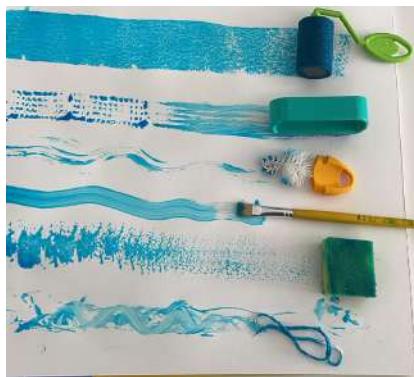


imagem 32

**47. CARIMBO (ACCV/SRVC):** geralmente os carimbos são utilizados de forma burocrática, porém podem tornar-se um **instrumento** para criar imagens ou **padrões** de forma criativa junto às crianças. O primeiro artista que usou carimbos no trabalho artístico foi o alemão Kurt Schwitters (1887-1948). Ele fazia poemas visuais com carimbos de desenhos e letras. Qualquer objeto entintado, um papel **amassado**, uma cartela de comprimidos usada, uma folha de árvore, tampinhas e rolhas podem virar um carimbo. Há outros materiais que podem ser utilizados, como: **Borracha:** é um material maleável e fácil de esculpir, sendo bastante utilizado para criar carimbos artesanais. **Madeira:** em técnicas mais tradicionais, a madeira é entalhada para criar carimbos detalhados. **Esponja:** espuma densa é usada para criar carimbos simples e de grande formato, especialmente em estampa. **Linóleo:** material comum em gravura, pode ser usado como matriz para fazer impressões. Artistas contemporâneos muitas vezes usam carimbos como uma forma de desafiar as noções de autenticidade e repetição na arte. Ao utilizar carimbos industrialmente produzidos ou até criar seus próprios carimbos personalizados com objetos do cotidiano, os artistas exploram o conceito de multiplicidade e reprodução. Muitos artistas contemporâneos utilizaram carimbos, entre eles: Carmela Gross, José Claudio Goulart, Paulo Bruscky, Leonhard Frank Duch, Andy Warhol, Anni Albers.



Para ampliar repertórios, veja: **Manchas, rabiscos, pinceladas e linhas: os carimbos de Carmela Gross**

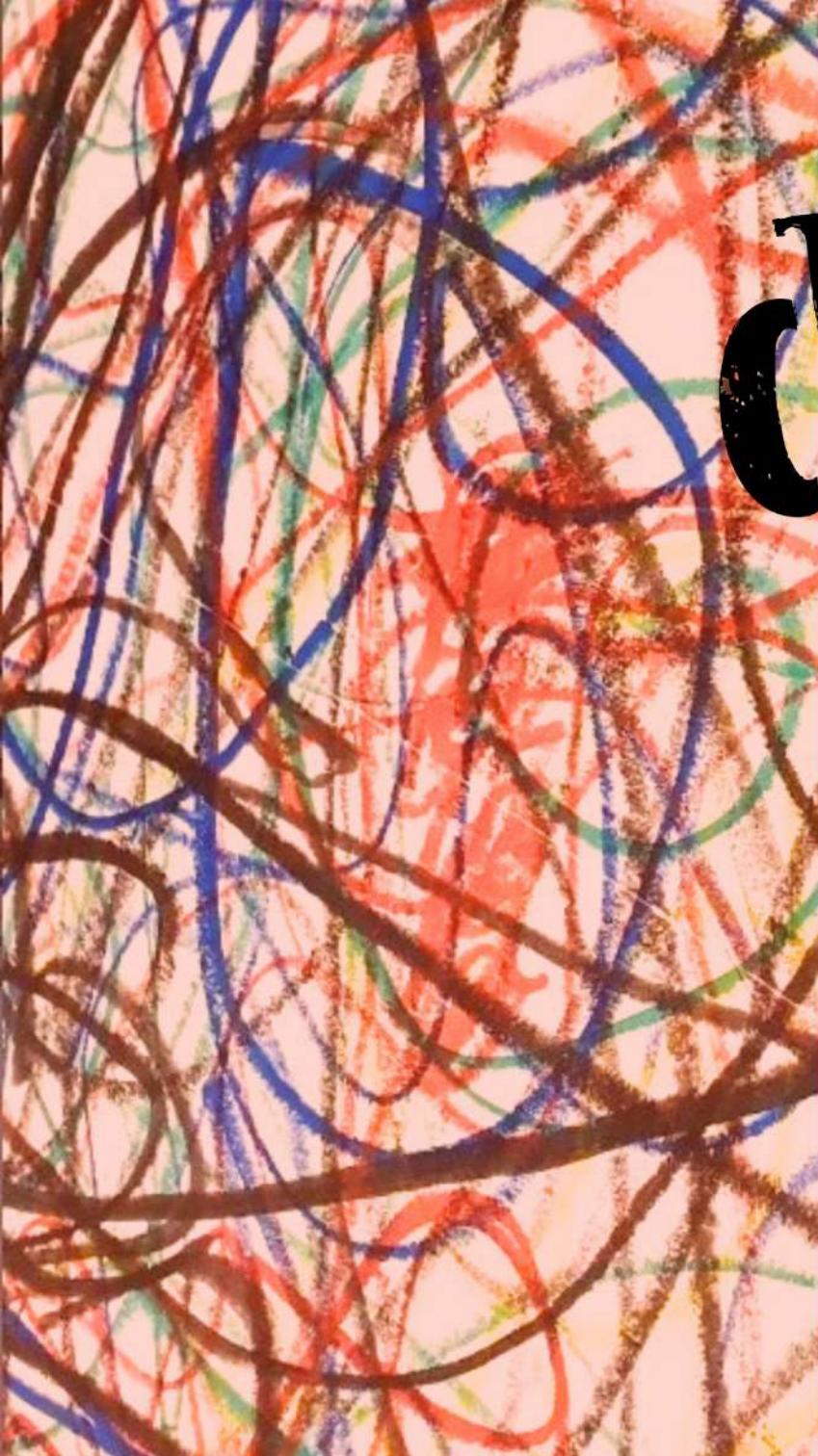
<https://select.art.br/manchas-rabiscos-pinceladas-e-linhas-os-carimbos-de-carmela/>



imagem 33



imagem 34



**d** **D**  
**d** **D**  
**D** **d**  
**D** **D**

**63. DESENHO (SRVC):** é uma das linguagens **bidimensionais** mais antigas das Artes Visuais. Nas cavernas pré-históricas há registros de desenhos miscigenados com **pinturas**. Por muitos séculos o desenho foi concebido como projeto para as outras linguagens, como a pintura e a escultura. Leonardo da Vinci, por exemplo, produziu muitos desenhos para servir como estudos anatômicos, de engenharia e esboços para suas pinturas e ficou conhecido como pintor. Na metade do século XIX o desenho começou a ser considerado uma linguagem autônoma, e não mais um esboço para pintura ou escultura. Tradicionalmente, o desenho é constituído por diferentes possibilidades, como **riscalhadas**, riscos, linhas, pontos, formas, hachurado, luz, **sombras** em superfícies bidimensionais, como papeis, tecidos, pisos, paredes, superfícies digitais, entre tantos outros **suportes**. Há uma infinidade de **riscantes** e **suportes** que são destinados aos fazeres dos desenhos e outros que inventamos cotidianamente, como o uso de um objeto pontiagudo sobre uma superfície ou o dedo no espelho embaçado pelo vapor da água. Desde que o artista Henry Matisse denominou seus recortes em papeis coloridos de desenho com tesoura, pode-se desenhar com qualquer material com ou sem suporte, como no **desenho com arame** e no **desenho no ar**. Na Escola, o desenho é a linguagem “mais popular”, tendo em vista que os registros feitos em qualquer suporte (muro, garrafa pet, pedra, guardanapo, caixa de sapato), com qualquer material (caco de tijolo, carvão, caneta esferográfica, giz, unha, palito, fita adesiva, arame), são considerados como desenho. Entretanto, apesar da facilidade de acesso e das possibilidades expressivas dessa linguagem, ainda persistem práticas ultrapassadas, **intervenções** negativas, como dar desenhos prontos para as crianças colorirem ou **desenho livre**, fornecendo alguns materiais para que elas realizem seus desenhos, sem nenhuma **proposição**.



Para ampliar repertório,

leia o artigo **O desenho do gesto e dos traços sensíveis**, de Edith Derdik:

<https://tempodecreche.com.br/repertorio-cultural/palavra-de-edith-derdyk-o-desenho-do-gesto-e-dos-tracos-sensiveis/>



imagem 67

**64. DESENHO EXPANDIDO (SRVC):** é um desenho que vai além do uso tradicional dos **riscantes** e **suportes**, por isso a denominação expandido que significa romper com as ideias tradicionais da linguagem do desenho, como linha, ponto, sombra, luz, textura, entre outros elementos. É um convite para explorar novas experiências, **materiais**, espaços, **suportes** e até não utilizar suportes, desenhando, por exemplo, com **fitas adesivas** no espaço, ou bordando sobre uma **fotografia**, ou no final da ação não existir um produto final, sendo o desenho o próprio processo, como no **desenho no ar**.



Para ampliar repertórios, veja os trabalhos com crianças da dupla italiana **Segni Mossi**.

<https://www.segnimossi.net/en/>

E dos artistas:

**Willian Kentridge:**

<https://www.kentridge.studio/>

**Emma McNally**

<https://www.emmamcnallydrawing.co.uk/>

**Monika Grzymala**

<https://chinati.org/collection/monika-grzymala/>



**imagem 68**

**65. DESENHO DE MEMÓRIA (SRVC):** é a denominação que se dá aos desenhos realizados sem olhar para um referente, como no desenho de observação. São desenhos de lembranças recentes ou longínquas, não só visuais, que desafiam a quem desenha a lembrar de formas, texturas, detalhes, características dos objetos ou cenas, aromas, luminosidade, sensação térmica, paladar, sentimentos, sons, entre outras lembranças que nos atravessam e nos constituem. O desenho de memória, assim como outras modalidades das linguagens da arte, não precisa ser algo figurativo, reconhecível, representativo. Nessa modalidade seria interessante evocar memórias fora do campo visual e trazer memórias, sensações registradas por meio de outros sentidos. O aroma, por exemplo, quantas memórias pode evocar? Como construir uma memória que não é algo observável, mas sentido? No contexto escolar com crianças,

recomenda-se a criação de cenas pedagógicas para resgatar suas memórias: o trajeto da casa para escola, o quarto, a casa de um amigo, a praça, a temperatura da água, o cheiro da grama, um recanto da própria escola, o brinquedo que mais gosta, o sabor da comida do dia anterior.

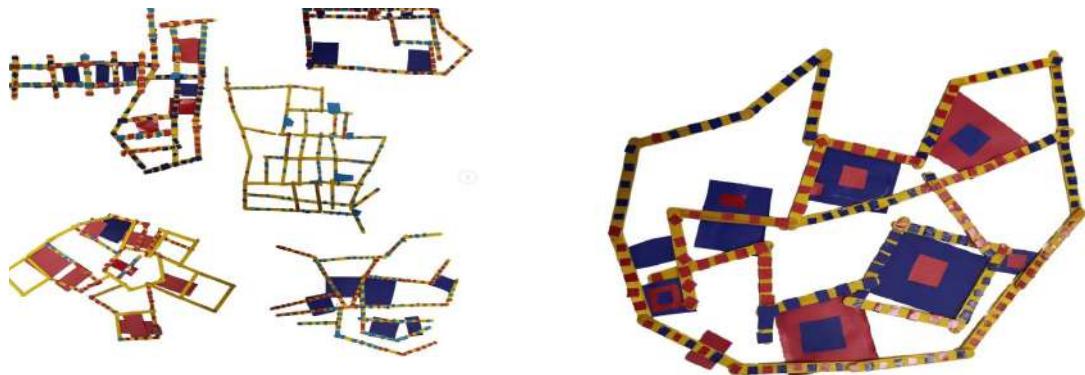


imagem 69



O livro é um inventário de ideias a serem propostas nas escolas a partir da compreensão de cada material, e são muitos, diferentes instrumentos de trabalho, linguagens que compõem uma gramática das artes, que é artística, arteira, e convida a todos os educadores a mergulharem na sua leitura, exploração e investigação com ludicidade.

[...]

Glossário, dicionário, inventário, verbetes que compõem o livro que vocês têm em mãos oportuniza conexões entre a teoria e a prática pedagógica, essenciais à qualificação do trabalho do educador desde a primeiríssima infância até as Séries Iniciais do Ensino Fundamental, contemplando as múltiplas Infâncias.

Alice Proença

